

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

53

JANEIRO – MARÇO
1989

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Boletim de Pastoral Litúrgica

Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

	Via normal	Via aérea
Portugal e Países de língua portuguesa	650\$00	1.200\$00
Outros países estrangeiros	800\$00	1.500\$00
Este número	175\$00	—

JANEIRO — MARÇO

53

1989

Apresentação

O Mistério da Páscoa e a sua Celebração

José Ferreira

Maria modelo da Igreja em oração

Frei Pedro Ferreira, OCD

O culto e a festa na perspectiva cristã

Frei Bernardo, OP

XV Encontro Nacional

Encontros diocesanos

O Boletim de Pastoral Litúrgica entra, com este número, no 14º ano da sua publicação. Ao longo deste tempo, em que não faltaram dificuldades de colaboração, escassez de assinantes e modéstia de recursos, procurámos ser fiéis ao projecto inicial de criar um meio de comunicação que levasse mais longe a notícia dos nossos trabalhos, a razão das nossas preocupações pastorais e os objectivos renovadores do Concílio do Vaticano II. Fizemos números particularmente ricos de conteúdo quando reuníamos trabalhos de cada Encontro nacional num único número. Os três números anuais sobre a celebração do Mistério Pascal poderão considerar-se, com justiça, como os mais representativos e talvez venham a merecer uma reedição em novos moldes.

Nessa fase, porém, saía apenas um número por ano e o que se lucrava em riqueza doutrinal perdia-se em contacto regular com os leitores. Tivemos de optar.

Entendemos, por isso, que seria preferível manter o carácter regular do Boletim e publicar os trabalhos do Encontro Nacional em livro próprio. A dificuldade em obter os originais das conferências proferidas em Fátima não nos tem permitido publicar estes livros com a desejada regularidade, mas continuaremos a insistir e a confiar.

Neste primeiro número de 1989, que deverá chegar aos leitores pouco antes do Tríduo Pascal, sai um artigo sobre o Mistério da Páscoa e a sua celebração, da autoria do Cón. José Ferreira. A importância deste acontecimento central da fé, e consequentemente da liturgia, a proximidade da sua celebração e a reconhecida competência do autor bem merecem que o artigo seja lido com atenção e saboreado com gosto.

Este número faz a cobertura, no tempo, dos três primeiros meses do ano, mas não voltará a ser publicado o Boletim antes de Junho. Jul-

gamos, por isso, que um tema mariano poderá ajudar a viver melhor o mês de Maio e a preparar mais conscientemente a celebração do mês de Maria, ainda tão vivo na devoção do nosso povo. A seriedade e a fundamentação do artigo do P. Pedro Ferreira, Provincial da Ordem os Carmelitas Descalços em Portugal e Vogal do nosso Secretariado Nacional de Liturgia, mostram bem o lugar da Virgem Santa Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Efectivamente, é constante a presença de Maria ao longo do ano litúrgico, não formando um ciclo à parte, mas integrando-se perfeitamente no ciclo anual dos mistérios de Cristo.

Frei Bernardo, OP, que apresentou no último número do Boletim um estudo aprofundado sobre a celebração e a vida cristã, assina agora um artigo sobre o culto e a festa na perspectiva cristã. Há uma relação lógica entre os dois assuntos. Vale a pena reflectir sobre eles e tirar desta reflexão as atitudes concretas que se vierem a impor.

O XV Encontro Nacional é um trabalho que se projecta com os cuidados habituais e pretende contribuir eficazmente para a aplicação e vivência, entre nós, da renovação conciliar do Vaticano II. Tem por temática a celebração e o espaço litúrgico, e conta com a colaboração de conferencistas competentes e empenhados. Pela primeira vez foi convidado para fazer uma conferência um prestigiado nome estrangeiro. Mons. Pierre Jounel, Professor Honorário do Instituto Litúrgico de Paris, artífice da reforma litúrgica e autor de muitos e famosos estudos, entre os quais **A Missa, ontem e hoje**, cuja 1ª edição está quase esgotada, virá ao Encontro desenvolver um tema da sua especialidade — os lugares da celebração ao longo da história da Igreja.

Aproveitamos a circunstância da data da publicação para desejar a todos os nossos assinantes e leitores uma santa e feliz Páscoa, porque "o Senhor ressuscitou como tinha anunciado".

O Mistério da Páscoa e a sua celebração

I - A centralidade da Páscoa

A atenção voltada de novo para o Mistério Pascal, fruto, em grande parte, do movimento litúrgico, levou à redescoberta da liturgia da Páscoa, sepultada, desde a Idade Média, debaixo de um amontoado de ritos secundários que encobriam o principal, e à revisão do calendário e dos horários dos dias do Tríduo sagrado, com que, desde o início, os cristãos celebravam os “mistérios máximos da Redenção”. Nem foi por acaso que a recente reforma da liturgia começou pelas celebrações da Páscoa.

Bem antes do Concílio Vaticano II, quando ainda nem dele se suspeitava, Pio XII que, já na década de 40, ordenara o estudo histórico da liturgia pascal, promulgou, inesperadamente, em 1951, a Vigília Pascal restaurada. Foi o primeiro passo. Começara-se pelo núcleo central, pelo coração da liturgia da Páscoa. Começava a sentir-se que era verdade o que o mesmo papa havia de dizer, anos mais tarde, em 1956, que o “movimento litúrgico apareceu como um sinal das disposições providenciais de Deus sobre o tempo presente, como uma passagem do Espírito Santo na Igreja”.⁽¹⁾ A experiência desta primeira reforma na liturgia levou em 1952 a nova revisão da Vigília que esteve em uso durante mais de três anos, até que, em 1955, toda a Semana Santa beneficiou de uma reforma profunda.⁽²⁾ Aliviaram-se as estruturas litúrgicas de elementos adventícios que as sobrecarregavam sem vantagem, punham-se em relevo os elementos principais, redifiniu-se o Tríduo Pascal, e, coisa particularmente significativa, reconduziram-se as

(1) Pio XII, *Discurso aos participantes no I Congresso Internacional de Liturgia de Assis* — Roma, Setembro de 1956.

(2) cf. *Ordo Hebdomae sanctae instauratus*, 1955.

celebrações dos três dias da Páscoa às horas verdadeiras, sobretudo a Noite Santa, que assim voltava, de novo, a ser verdadeiramente uma *Vigília*. Oito anos depois, o Concílio declarava que “era desejo da Santa Igreja fazer uma reforma geral da liturgia”.⁽³⁾ Tinha-se começado pelo coração do ano litúrgico e pelo coração do mistério da liturgia; agora todos os sectores da vida litúrgica iam beneficiar dessa reforma. O Concílio nascia assim em ressurreição pascal, fruto do tal novo sopro do Espírito na face da Igreja.

Mas não foi só em relação ao Tríduo Pascal e a toda a Semana Santa que as reformas litúrgicas anteriores ou posteriores ao Concílio vieram pôr em evidência o Mistério Pascal de Cristo; em toda a Constituição sobre a Liturgia e mesmo nos outros documentos conciliares é o Mistério de Cristo o centro donde tudo o mais irradia e recebe o impulso vital. Reencontramo-nos assim facilmente com o ambiente dos próprios textos evangélicos, as exposições cristológicas de S. Paulo, a doutrina e a celebração litúrgica das origens cristãs e das comunidades do tempo dos antigos Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente.

A solenidade da Páscoa volta a ser na vida e na consciência da comunidade cristã, depois do Dia do Senhor em cada domingo, a solenidade máxima do ano cristão, a Solenidade das Solenidades. Ela o é em princípio e é preciso que o seja de facto, como ainda o ano passado a Sé Apostólica o recordou num documento que procurava evitar que esmorecesse com o tempo o entusiasmo dos primeiros anos da restauração da celebração anual da Páscoa.⁽⁴⁾ A centralidade do Mistério Pascal exige a centralidade da sua celebração e da catequese que a há-de acompanhar.

II - O Mistério da Páscoa

O Mistério Pascal e a sua celebração foi já objecto de três Encontros Nacionais da Liturgia em Fátima nos anos de 1982, 1983 e 1984 e os trabalhos aí realizados foram publicados em três fascículos do *Boletim de Pastoral Litúrgica*.⁽⁵⁾ No entanto, a celebração anual da Páscoa obriga a olhar sempre, como se fosse a primeira vez, para o seu mis-

(3) *Concílio Vaticano II*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, n. 21.

(4) *Congregação do Culto Divino*, aos Presidentes das Conferências Episcopais sobre a celebração da Páscoa.

(5) *Boletim de Pastoral Litúrgica*, nn. 29-40.

tério, para a realidade divina que se encerra e se nos oferece no acontecimento pascal.

Páscoa começa por ser o nome de uma *festa judaica*,⁽⁶⁾ que, em cada ano, celebra o acontecimento fundamental da história do povo de Deus do Antigo Testamento: a sua libertação do Egipto, onde os hebreus viviam como emigrantes reduzidos à escravidão, e a sua *passagem* para a Terra prometida por Deus, desde longa data, a Abraão e à sua descendência.

Páscoa chamou-se também ao *cordeiro pascal*, como no texto de S. Paulo: "Cristo, nossa Páscoa, foi imolado",⁽⁷⁾ na verdade, o Sangue de Cristo é o penhor da libertação para todos os homens, como o sangue do cordeiro o tinha sido para os hebreus aquando da saída do Egipto. De facto, a oblação, até ao sangue, de Cristo na cruz realiza a *passagem* libertadora do pecado e da morte para a vida em Deus, como se lê no Evangelho de S. João, logo no início dos capítulos que consagrou à Paixão do Senhor: "Sabendo Jesus que era a chegada a hora de *passar* deste mundo para o Pai..."⁽⁸⁾ Daí que *Páscoa* tenha vindo a significar, em última análise, no sentido real, *passagem*, qualquer que tenha sido na origem o seu sentido etimológico, aliás difícil de precisar.

É, de facto, esta *passagem*, em primeiro lugar de Jesus e depois de todos os homens, deste mundo para o Pai o sentido último da Páscoa cristã. Aqui encontra a sua razão de ser toda a história da salvação; para aqui se encaminha, desde o princípio, a sucessão dos tempos e das gerações; aqui atinge a plenitude e revela a sua significação total a própria Encarnação do Filho de Deus; aqui finalmente encontra a Igreja de Cristo o alicerce da sua fé e a meta da sua esperança.

A Páscoa, o Mistério Pascal, ou ainda por outras palavras, os acontecimentos pascais com a sua significação divina, centra-se na morte de Jesus sobre a Cruz, pela qual Ele *passou* para o Pai, onde vive na vida nova da Ressurreição. "Jesus de Nazaré, o Crucificado de Sexta-feira Santa, "não está aqui, ressuscitou", disse o Anjo às mulheres que procuravam o seu corpo no túmulo.⁽⁹⁾ Tomando a condição humana na Encarnação, o Filho de Deus *tomou sobre Si o pecado* da humanidade; mas oferecendo-se ao Pai sobre a Cruz por todos os homens, Ele *tira o pecado* do mundo e, "destruindo assim a morte,

(6) Ex 12 ss.

(7) 2 Cor 5,7; II leitura da Missa do Dia do Domingo da Ressurreição.

(8) Jo 13, 1; Evangelho da Missa da Ceia do Senhor em Quinta-Feira Santa.

(9) Evangelho da Vigília.

manifestou a vitória da ressurreição", ⁽¹⁰⁾ para dela tornar participantes todos os homens. Para isto Ele veio ao mundo, para levar em Si e consigo os homens ao Pai. "Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e volto para o Pai", disse Jesus ⁽¹¹⁾, mas volta levando agora em Si o homem cuja condição assumiu ⁽¹²⁾.

Mistério inaudito, este da passagem pascal do homem para o Pai pela oblação do Cordeiro Pascal. É este mistério que, desde o princípio, foi o centro da liturgia cristã; aí a Igreja o recorda, aí o celebra, aí ela se torna participante, já desde a terra, da vida do Ressuscitado, antegozo da comunhão com o Pai na glória celeste.

III - A celebração da Páscoa

A Páscoa não é celebrada apenas no Domingo da Ressurreição, mas no *Tríduo Pascal*, que se inaugura com a celebração da Missa da Ceia do Senhor, ao entardecer de Quinta-feira Santa, e se conclui com a Hora de Vésperas do Domingo da Ressurreição. Não se trata propriamente de um *conjunto de celebrações*. O *Tríduo Pascal* tem um ritmo e uma unidade interna indestrutível. A sua celebração principal, e na origem a única, é a Vigília na Noite Santa. Aí se celebra *todo* o Mistério Pascal, o mistério da passagem da morte à vida, da terra ao céu, deste mundo para o Pai ⁽¹³⁾. A liturgia da Palavra desta Vigília faz memória da história da celebração desde "o princípio em que Deus criou o céu e a terra" ⁽¹⁴⁾ até à Ressurreição do Crucificado ⁽¹⁵⁾: do paraíso primeiro onde o primeiro homem pecou e foi condenado a morrer até ao jardim de José de Arimateia, onde o túmulo vazio é sinal da morte vencida, e onde o Ressuscitado Se manifesta, vivo, na glória do Pai.

O mistério que a Palavra anuncia, os sacramentos logo o realizam. O Baptismo, imitando na passagem pela água a morte e a sepultura com Cristo, torna os baptizados realmente participantes na passagem pascal do Senhor; a Confirmação, que, em princípio, se segue ao Baptismo dos adultos, comunica o Espírito Santo, dom pascal por excelência, fruto da Páscoa de Jesus; a Eucaristia, memorial máximo da Páscoa do Senhor Jesus, ao mesmo tempo que é *memória* do acon-

(10) Prefácio da Oração Eucarística II.

(11) Jo 16, 28.

(12) Cf. Flp 2, 6-11.

(13) Neste sentido, é significativo que outrora se tenha lido na Vigília toda a passagem evangélica da Paixão à Ressurreição.

(14) Gen 1,1; I Leitura da Vigília.

(15) Última leitura da Vigília.

tecimento passado, é *presença* sacramental do mesmo na assembleia da Igreja e *anúncio* da comunhão eterna na glória futura. A Páscoa, já afirmava S. Agostinho, celebra-se de modo sacramental, *in mystério*.

A Sexta-feira e o Sábado, os dois primeiros dias do Tríduo Pascal, são dias alitúrgicos, como lhes chamavam os Antigos, isto é, dias sem celebração eucarística. São os dias do jejum pascal referido na Constituição conciliar sobre a Liturgia, os dias em que o Esposo foi tirado, como Jesus tinha anunciado ⁽¹⁶⁾, “dias de amargura”, no dizer de S. Ambrósio, nos quais todo o Corpo da Igreja comunga directamente, e como que fisicamente, na dor e na morte da sua Cabeça, Cristo crucificado, morto e sepultado. As celebrações destes dois dias são apenas Liturgias da Palavra, na celebração, aliás magnífica, da Paixão do Senhor na tarde de Sexta-feira Santa e na Liturgia das Horas, nesse dia e no Sábado Santo. Não são dias vazios, pelo facto de neles não se celebrar a Eucaristia; são antes dois dias do grande silêncio, da grande paz, da profunda comunhão do espírito e do coração com o Homem-Deus, em que se manifesta a situação trágica do pecado dos homens, ao mesmo tempo que o poder e a força do amor, que leva o Pai a entregar o Filho à morte por nós, e o Filho a oferecer a sua vida ao Pai pelos seus irmãos.

Cristo é o grão de trigo semeado na terra; se este não morrer, ficará infrutífero, mas se morrer, dará muito fruto ⁽¹⁷⁾. O Sábado Santo em particular faz sentir toda a pujança desta sementeira divina.

Como no fim da primeira criação Deus descansou de toda a obra que realizara,⁽¹⁸⁾ assim agora também Jesus descansa sob a terra da obra desta nova criação. E “a Igreja, no Sábado Santo, permanece junto do sepulcro do Senhor, meditando na sua paixão e morte, até ao momento em que, depois da solene Vigília ou expectativa nocturna da ressurreição, se der lugar à alegria pascal, cuja riqueza se prolongará por cinquenta dias”. É tudo o que o Missal Romano diz no Sábado Santo.⁽¹⁹⁾

A Missa da Ceia do Senhor na Quinta-feira anterior é o momento de celebrar a instituição dos “sagrados mistérios”, a Eucaristia, que o Senhor, antes de sofrer a paixão, entregou aos seus discípulos para que

(16) Mt 9,15.

(17) Jo 12, 13.

(18) Gen 2, 2.

(19) Missal Romano, *Sábado Santo*.

eles os celebrassem⁽²⁰⁾ como memorial, sempre repetível, da sua Páscoa. Esta celebração é como que a abertura de todo o Tríduo Pascal.

Já no princípio da semana, no Domingo da Paixão ou de Ramos, a procissão que acompanhou o Senhor até Jerusalém, onde vai sofrer a paixão, proclamava a vitória e o triunfo da Páscoa do Senhor, que da morte fez surgir a vida, para salvação dos homens, para glória de Deus Pai.

IV - O Tempo de Páscoa

A celebração da Páscoa engloba a *morte* e a *ressurreição* do Senhor, melhor ainda, a morte que é *passagem* para a ressurreição. Não admira, por isso, que, no início sobretudo, a palavra Páscoa se pudesse ter dito tanto da morte como da ressurreição.

Assim, tempo houve em que o que hoje chamamos Semana Santa foi chamado semana da Páscoa, a semana em que "Cristo, nossa Páscoa, foi imolado". Hoje damos o nome de Tempo de Páscoa ou *Tempo Pascal* (é este precisamente o nome oficial) aos cinquenta dias que vão do Domingo da Ressurreição (na origem, da Eucaristia da Vigília) até ao Domingo do Pentecostes. Mas foi todo este espaço de cinquenta dias que recebeu, no início, a designação de *Pentecostes*, ou *Cinquentena*, como a palavra significa, a Cinquentena da alegria pascal, *laetissimum spatium*. Este *espaço de alegria* é, na realidade, uma grande oitava de domingos, envolvendo sete semanas e terminando, de novo, com o domingo, tal como cada semana começa com o Dia do Senhor e vai, de novo, encontrá-lo no *oitavo dia*. Mas o *Calendário Romano* vai mais longe e diz que "os cinquenta dias que vão do domingo da Ressurreição ao domingo de Pentecostes se celebram na alegria e no júbilo como um único dia de festa, mais ainda como "um grande domingo", citando nesta última expressão uma palavra de S. Atanásio.

O Tempo Pascal nasce da Vigília; aí de faz a *passagem* do luto à alegria, do jejum ao banquete, da tristeza à festa, da morte à vida. Tempo de alegria, de acção de graças, de aprofundamento do sentido do mistério cristão e da vida em Cristo, do mistério da Igreja e consequentemente do mistério da comunidade dos cristãos, o Tempo Pascal é o tempo espiritual, por excelência, do ano litúrgico. É o tempo em que o Ressuscitado dá o Espírito: "Recebei o Espírito Santo",⁽²¹⁾ e que se conclui precisamente com a efusão do Espírito Santo sobre os discípulos,

(20) *Missal Romano*, Oração Eucarística I, embolismo próprio de Quinta-Feira Santa.

(21) Evangelho da Missa do Domingo da Ressurreição.

que, uma vez "cheios do Espírito Santo", aparecem no mundo como a "Igreja de Deus" da "Nova Aliança" (22). Cristo ressuscitado, "Prímogênito de entre os mortos", é, por isso mesmo, "Cabeça do Corpo da Igreja" (23). De facto, na Páscoa "unem-se o céu e a terra, o divino e o humano" (24).

O Tempo Pascal precisa de ser redescoberto. A reforma litúrgica não parece ter levado às últimas consequências o que, nos princípios, dele afirmou! Mas recuperou a sua unidade e o ritmo dos seus oito domingos, todos eles agora claramente chamados *Domingos da Páscoa*.

V - A vida pascal

A vida cristã é uma vida pascal, porque vida dos que foram sepultados com Cristo, no Baptismo, para viverem, com Ele, uma vida nova, como se exprime o presidente da assembleia, na Vigília, antes da renovação das promessas do Baptismo. Esta vida nova é a vida de Cristo ressuscitado, a vida d'Aquele que, por ter oferecido a vida até Se entregar à morte, vive agora na glória do Pai, exaltado com o nome divino de *Senhor* (25). Vida com Cristo em Deus, é ainda, sobre a Terra, uma vida escondida, vivida na fé e na esperança, vivificada pelo Espírito, que é Amor. Vida nova, porque vida do homem novo, que é o Senhor ressuscitado, ela anima toda a existência cristã e exprime-se em tudo o que é vitória sobre o pecado e a morte. Esta *novidade* de vida em Cristo é uma das notas mais postas em realce nos textos da liturgia do tempo da Páscoa.

Como já foi referido, a Páscoa é celebrada, no dizer de S. Agostinho, como um mistério, de maneira sacramental, não tanto como uma história que se evoca, mas como um mistério tornado presente de maneira sacramental para nele se poder participar. É assim que, na Vigília, ocupa lugar central a celebração dos sacramentos da iniciação cristã: Baptismo, Confirmação e Eucaristia, os sacramentos da vida nova. Por meio desses sacramentos nascem os novos filhos de Deus. Eles são a humanidade nova, que a liturgia saúda como "crianças recém-nascidas", "cordeiros recém-nascido", "nova prole da Igreja, multidão

(22) Act 2,1 ss; Primeira leitura do Domingo de Pentecostes.

(23) Col 1, 12 ss.

(24) Precônio Pascal

(25) Flp 2, 11.

renovada" ⁽²⁶⁾. Em cada ano e em todo o mundo, muitos são os que, na noite da Páscoa, nascem como *nova* geração do povo de Deus.

S. Paulo, partindo da sugestão fornecida pelo pão ázimo próprio da Páscoa judaica, pede aos seus leitores que, purificados do fermento velho, sejam uma nova massa, para celebrarem a festa pascal ⁽²⁷⁾. E a liturgia pede que, na Páscoa, todos os sinais, dos mais importantes aos mais simples, sejam a partir de elementos *novos*: a *água* e os *santos Óleos* para o Baptismo; o *pão* para a Eucaristia, para que não venha a ser necessário recorrer ao pão consagrado guardado no sacrário desde antes do Tríduo Pascal; a *luz* que há-de acender o Círio e iluminar a celebração durante a noite de Vigília; a *ornamentação do altar*, que foi desnudado antes da celebração; e, mais que tudo, "o coração, as vozes e as obras" ⁽²⁸⁾: seja tudo novo, para que, "renovados pelo vosso Espírito, ressuscitemos para a luz da vida"; como pede a colecta do Domingo de Ressurreição

Anualmente repetida em cada primeiro Domingo que se segue à Lua cheia do equinócio da primavera, a Páscoa surge sempre nova, como sempre nova é a vida imortal do Senhor ressuscitado. E aquela Lua, que enche sempre de claridade a noite santa da Páscoa, continua a ser, em cada ano, e desde há tantos séculos, desta solenidade da vida nova a "testemunha fiel no firmamento" (SI 88, 38).

JOSÉ FERREIRA

(26) Da Liturgia do Tempo Pascal.

(27) Segunda leitura da Missa do Domingo da Ressurreição.

(28) Hino da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo.

Maria modelo da Igreja em oração

Introdução

O Concílio Vaticano II tratou o tema de Nossa Senhora na Constituição sobre a Igreja. Dedicou-lhe o capítulo VIII, o último da Constituição, querendo significar, assim, que em Maria se encontra a perfeita imagem da Igreja que o título define de início: **"A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja"**.

A doutrina mariana do Concílio tem sido desenvolvida pelo magistério da Igreja numa forma muito abundante, sobretudo na *Marialis Cultus* e na *Redemptoris Mater*. A Exortação Apostólica **"Marialis Cultus"** de Paulo VI apresenta a Virgem Maria como modelo da Igreja no exercício do culto (cf. n. 16-23). Desenvolve a temática da fé com o recurso à oração da Igreja. Segundo a tradição, a Igreja reza como crê e acredita como reza: a norma da oração determina a norma da fé. A formulação da oração evolui à medida do aprofundamento vivencial da fé.

A liturgia apresenta-nos a Virgem Maria muito à maneira da Igreja e suas circunstâncias. E o objectivo pedagógico e mistagógico é apresentar Maria como figura e modelo da Igreja. As formas de conceber a mariologia dependem da eclesiologia. Maria e Igreja são uma mesma realidade sacramental.

Pouco sabemos da oração de Maria, mas pela oração da Igreja sabemos tudo o que da oração de Maria importa saber. O próprio espírito com que Maria rezava, porque o Espírito rezava em Maria, foi comunicado à oração da Igreja, **"onde floresce o Espírito"** (Hipólito de Roma, **Tradição Apostólica**, 82).

Assim, podemos considerar Maria como modelo da Igreja em oração e da oração da Igreja. A liturgia é a norma de toda a oração. Foi assim o culto do antigo Israel que Maria conheceu e praticou e assim será no culto da Igreja que Deus iniciou em Maria.

A Igreja sente necessidade de aprofundar o mistério de Maria para se reconhecer a si própria na imagem de Maria, sobretudo na sua vo-

cação e missão. O sentido do Ano Mariano foi **"pôr em relevo a presença especial da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da sua Igreja"** (RM, 48).

O Ano Mariano esteve relacionado com o Concílio, como recorda João Paulo II na Encíclica "Mãe do Redentor": **"deverá o Ano Mariano promover uma leitura nova e aprofundada daquilo que o Concílio disse sobre a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja"** (RM, 48).

O Ano Mariano esteve também relacionado com os novos tempos que a Igreja inaugura, como Maria inaugurou no seu tempo: **"Por meio deste Ano Mariano, a Igreja é chamada não só a recordar tudo o que no seu passado testemunha a especial cooperação materna da Mãe de Deus na obra da salvação, mas também a preparar o futuro, na parte que lhe toca, os caminhos desta cooperação salvífica, uma vez que, com o final do Segundo Milénio cristão, se abre como que uma nova perspectiva"** (RM, 49).

A Igreja prepara os novos tempos na intimidade com Maria. O Ano Mariano proclamou essa pedagogia. A oração é um mistério de comunhão e de salvação que a humanidade precisa e que hoje pode encontrar na Igreja, como um dia a Igreja o encontrou em Maria. O melhor contributo da Igreja à humanidade encontra-se na actividade orante, como nos ensina um místico ortodoxo dos nossos dias ao comentar a loucura do amor de Deus pelo homem: **"Um homem novo é, antes de mais nada, um homem de oração, um ser litúrgico. ... Uma tal presença litúrgica santifica todas as parcelas do mundo, contribui para a verdadeira paz. A oração desse homem novo tem alcance sobre o dia que vem, sobre a terra e seus frutos, sobre o esforço do sábio e sobre o trabalho de todos os homens"** (Paulo Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, ed. Paulistas (Apelação 1979) pp. 64-65).

Maria é a nova Eva, a mulher nova que aceita o projecto do Criador e O gera para a nova humanidade que Ele vai renovando. A Igreja reconhece-se em Maria e adquire consciência da sua vocação materna. E ao gerar Cristo na liturgia sacramental contempla Aquela que pela primeira vez O gerou. A liturgia é perfeita realização da vocação materna da Igreja, cujo modelo perfeito se encontra na Virgem Maria, a Serva que escutou e acolheu a Palavra (modelo do serviço da Igreja na Liturgia da Palavra) e a Mãe que gerou o Filho de Deus (modelo da maternidade da Igreja na Liturgia sacramental ou consecratória).

1 - O Culto Mariano

Jesus Cristo é o culto e a oração perfeita: a bênção do Criador e o louvor da criatura. Toda esta obra teve início no seio da Virgem Maria e é perpetuada no ministério da Igreja. É doutrina da Igreja que: **"o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria; e o que se atribui em especial a Maria, Virgem e Mãe, aplica-se em geral à Igreja, Virgem e Mãe, e quando um texto fala de uma ou de outra, pode ser aplicado quase indistinta e indiferentemente a uma e à outra"** (Isaac de Stella, **Sermo 51**: Liturgia das Horas, vol. II, p.227).

A reunião indissolúvel de Cristo com a Igreja, sua Mãe, faz com que se possa dizer da Igreja o que é próprio da Virgem Maria e desta o que é próprio da Igreja. Jesus e a Igreja foram gerados em Maria. Por este motivo, quando na Idade Média a liturgia se tornou inacessível à participação activa dos fiéis, estes recorreram instintivamente ao culto mariano e dele se serviram para entrarem em comunhão com Deus. A maternidade divina de Maria possibilita uma alternativa aos fiéis impedidos do culto litúrgico da Igreja no recurso ao culto mariano. Esta situação verificou-se durante vários séculos e até foi alimentada pela própria Igreja. Com o Concílio Vaticano II a Igreja redescobre a verdade do culto e sente a necessidade de reintegrar o culto mariano na liturgia da Igreja em relação e equilíbrio.

A Igreja venera Maria com um culto especial, porque tomou parte na realização dos mistérios de Cristo. O culto mariano difere do culto de adoração, só prestado ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e serve para honrar a Mãe no conhecimento, no amor e na glorificação do Filho (cf. LG 66). O provérbio da sabedoria materna pode ajudar-nos a entender o culto mariano na sua relação com o culto cristão, quando diz: **"Quem meu filho beija, minha boca adoça"**. No culto mariano não se trata tanto dum culto a Maria, mas no culto de Maria. O culto litúrgico é apresentado pela Igreja como o modelo perfeito da Santíssima Virgem (cf. GS 67). A Exortação Apostólica **"Marialis Cultus"** (2.2.1974) é o melhor documento do magistério da Igreja sobre o culto mariano. O título **"culto mariano"** é um neologismo que não se conhece antes do século XVII e serviu então para indicar uma certa devoção popular concorrente com a liturgia oficial. Os teólogos e os liturgistas põem em causa a oportunidade desta expressão e o próprio Papa Paulo VI a alterna com outra expressão explicativa: **"lugar de Maria no culto cristão"**.

A presença de Maria no culto renovado deve entender-se no contexto de relação de Maria com Cristo. Aquela que acompanhou a realização dos mistérios da salvação não pode estar ausente nas celebrações que os tornam presentes. A nova liturgia insere Maria na celebração dos mistérios de Cristo por ser Mãe de Deus e estar unida com laços indissolúveis à obra salvífica de Cristo. A Constituição Litúrgica define maravilhosamente o lugar de Maria na liturgia da Igreja: **"No ciclo anual da celebração dos mistérios de Cristo, a Santa Igreja venera com especial amor, e porque indissolúvelmente unida à obra de salvação do seu Filho, a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser"** (SC 103).

A liturgia tributa um especial culto a Maria: o culto de admiração, contemplação, louvor e petição, mas sempre pelo lugar que ela ocupa no mistério de Cristo e pelo que Deus realizou nela. A presença de Maria no culto predomina sobre o culto mariano. Assim, Maria aparece mais como membro eminente da Igreja, a Santa das santas na assembleia dos santos reunidos em nome do Senhor, e menos como a Senhora dos servos, porque ela própria se colocou entre os servos quando respondeu ao Anjo da anunciação: "Eis a serva do Senhor" (Lc 1, 38). Os principais textos marianos da oração da Igreja dirigem-se a Deus, evocando e fazendo memória de Maria. Só alguns textos secundários, como hinos, antífonas e responsórios se dirigem directamente a Maria.

As celebrações litúrgicas marianas encontram-se inseridas nas celebrações dos mistérios de Cristo, todos eles relacionados com a Mãe do Redentor. Todas as celebrações litúrgicas da Igreja evocam na letra ou no espírito a presença de Maria, modelo da Igreja no exercício do culto (cf MC 16).

1.1 - Maria é modelo de espírito litúrgico

A Igreja celebra e vive os divinos mistérios segundo o modelo e a atitude espiritual que encontra em Maria, como ensina o Concílio: **"A Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo"** (GS 63).

A presença de Maria na oração da Igreja não é uma figura decorativa, mas uma necessidade da própria Igreja, que evoca Maria para nela se associar mais intimamente a Cristo no culto ao Pai (cf MC 16).

1.2 - Maria é modelo de escuta

Toda a liturgia começa pela proclamação da Palavra. A Virgem Maria é o modelo perfeito do acolhimento fiel da Palavra. A maternidade divina de Maria tem origem no conhecimento da Palavra do Senhor: **"Faça-se em mim segundo a tua Palavra"** (Lc 1, 38).

A maternidade espiritual da Igreja começa na mesma escuta da Palavra que conduz à geração sacramental. As diferentes liturgias da Palavra produzem os diferentes efeitos sacramentais, desde o Baptismo à Eucaristia e demais sacramentos.

A Palavra é o pão da vida com que a Igreja alimenta os fiéis no exercício da sua maternidade (cf MC 17). Sabemos pela natureza que o feminino após a fecundação e o parto natural está apto a produzir leite, e só então. A Igreja só pode "produzir" sacramentos mediante a fecundação espiritual e o parto da oração da fé que brota da escuta da Palavra. Só então o Verbo Se faz carne para ser o Emanuel, Deus conosco (cf Mt 1,23).

1.3 - Maria é modelo orante

O Magnificat apresenta Maria como a mulher orante por excelência. A sua oração encontra inspiração na prece das grandes mulheres orantes do Antigo Testamento (p. ex. Ana, mãe de Samuel 1 Sam 2, 1-10; Judite 9, 2-14; Ester 4, 17). A oração destas mulheres inaugurou novos tempos no seu tempo, como a de Maria inaugurou os tempos messiânicos, os sinais de Jesus em Caná (cf Jo 2, 1-12) e a oração da Igreja nascente (cf Act 1, 14).

A oração de Maria anuncia a oração da Igreja. Em Maria a Igreja iniciou a sua oração e em união com ela a perpetua (cf MC 18).

O recurso a Maria nos textos da liturgia é uma necessidade orante da Igreja, porque Maria é um ícone, uma imagem orante, uma referência constante no espírito e na letra da oração da Igreja.

1.4 - Maria é modelo de Mãe

Mediante a liturgia, a Igreja exerce a sua maternidade espiritual, como reza um texto da liturgia hispânica: **"Maria trouxe no seu seio a Vida, a Igreja trá-la na água baptismal. Nos membros d'Aquela,**

Cristo foi formado; nas águas desta, Cristo foi revestido (Liber Mozarabicus Sacramentorum, col 56).

Esta maternidade tem a característica da virgindade para afirmar a acção do Espírito Santo, sem o Qual não é possível a liturgia, nem a fecundidade e eficácia sacramental.

A maternidade espiritual da Igreja é iniciada na maternidade virginal de Maria. A virgindade é a afirmação da fecundidade do Espírito no corpo da Igreja que é virgem e mãe nos seus membros. A maternidade da Igreja é tão biológica e espiritual como a de Maria: gera templos materiais (corpos) e espirituais (filiação divina) numa mesma acção (cf MC 19). Deus não precisou da mulher para criar o mundo. Igualmente a Mulher nova não precisa do homem para criar o Homem novo. Só Deus e o Espírito. Só Maria e o Espírito. Só a Igreja e o Espírito.

1.5 - Maria é modelo oferente

A Igreja aprofunda o seu mistério sacrificial na Virgem oferente que no Templo apresentou o Filho a Deus. A "purificação" da Mãe toda pura e imaculada consiste no despojar-se do Filho que não lhe pertence, como Ele se tinha despojado da glória que lhe pertencia. Mediante esse gesto do ritual da liturgia hebraica, Maria une-se definitivamente a Cristo que recupera para os homens, após O ter resgatado a Deus com o sacrifício simbólico de um par de rolas ou dois pombinhos (Lc 1, 22-27) conforme a lei do Senhor (Lv 5, 7; 12, 8). A Igreja purifica-se mediante o sacrifício oblato do Corpo de Cristo que na cruz Se ofereceu ao Pai pelos homens. Maria purificou-se oferecendo e resgatando o Filho numa acção ritual que a Igreja retoma por obediência ao mandato de Jesus ("**Fazei isto em memória de Mim**": Lc 22, 19).

Para aprofundar este mistério revelado na Apresentação de Jesus no Templo, antes chamado "purificação de Nossa Senhora", a Igreja celebra a festa do dia 2 de Fevereiro que recorda os quarenta dias do Natal e a caminhada para a Páscoa (cf MC 20).

1.6 - Maria é modelo do culto integral

A liturgia não esgota a acção da Igreja (cf SC 9) nem a vida espiritual (cf SC 12), mas tende a fazer da vida um culto a Deus.

As poucas referências culturais na vida de Maria são suficientes para entender o culto integral da sua vida. A acção sacramental do Espírito revela-se na vida cristã transformada em culto a Deus (cf MC 21).

A resposta de Maria ao Anjo da Anunciação só se explica com a

existência duma intensa vida cultural que preparou e possibilitou aquele momento.

A visitação a Isabel tem no Magnificat a sua explicação: trata-se da visita de Jesus a João Baptista na pessoa das suas mães, num gesto de caridade fraterna que tem origem em Deus.

O mesmo se diga das cenas de Caná, da Cruz e do Cenáculo que são pontos de referência e momentos celebrativos duma vida cultural muito intensa na vida de Maria, modelo do culto integral da Igreja.

2 - A Virgem Maria e o Mistério de Cristo na vida da Igreja

O culto mariano não tem autonomia própria no contexto do culto cristão, mas encontra-se de tal maneira inserido na celebração dos mistérios de Cristo que a figura de Maria aparece associada à obra do seu Filho, cujos mistérios são objecto de culto.

Assim, as quatro grandes solenidades marianas celebram os quatro grandes mistérios de salvação:

- 8 Dezembro - Imaculada Conceição (preparação para a missão da Mãe de Deus)

- 25 Março - Anunciação do Senhor (início da obra da salvação)

- 1 Janeiro - Santa Maria, Mãe de Deus (maternidade divina e humana de Maria)

- 15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria (associação da Mãe à glória do Filho)

As festas marianas estão relacionadas com acontecimentos históricos portadores de uma mensagem de salvação:

- 8 Setembro - Natividade da Virgem Santa Maria (aos 9 meses da Imaculada Conceição)

- 31 Maio - Visitação de Nossa Senhora a Isabel (de Deus ao homem: ambos presentes mas escondidos aos olhos do homem)

- 2 Fevereiro - Apresentação do Senhor (Virgem oferente)

As memórias universais celebram atitudes ou recordações memoriais da presença de Maria na vida da Igreja:

- 11 Fevereiro - Nossa Senhora de Lourdes (aparição em Lourdes)

- 16 Julho - Nossa Senhora do Carmo (aparição e protecção à Ordem e devotos)

- 5 Agosto - Dedicação da Basílica de Santa Maria Maior (dogma da Mãe de Deus)

- 22 Agosto - Virgem Santa Maria, Rainha (oitava da Assunção: reinado de Maria)

— 15 Setembro - Nossa Senhora das Dores (a seguir à exaltação da Santa Cruz)

— 7 Outubro - Nossa Senhora do Rosário (vitória de Lepanto: Pio V em 1571)

— 21 Novembro - Apresentação de Nossa Senhora (pertença de Maria a Deus)

Imaculado Coração da Virgem Santa Maria (segue-se à celebração do Coração de Jesus)

A estas memórias pode acrescentar-se a memória sabatina que recorda o lugar de Maria na celebração semanal do mistério pascal, precisamente entre a Paixão - Morte da Sexta-feira e a Ressurreição do Domingo.

As Missas votivas são outra forma de culto mariano muito recomendado pela Igreja. Por ocasião do Ano Mariano foi publicado uma "Colectânea de Missas de Nossa Senhora". Nele se apresentam 46 formulários, assim distribuídos pelo ano litúrgico:

Tempo de Advento

1. Virgem Santa Maria, eleita do povo de Israel
2. Virgem Santa Maria, na Anunciação do Senhor
3. Visitação da Bem-aventurada Virgem Maria

Tempo de Natal

4. Santa Maria Mãe de Deus
5. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe do Salvador
6. Bem-aventurada Virgem Maria, na Epifania do Senhor
7. Santa Maria na Apresentação do Senhor
8. Santa Maria de Nazaré
9. Bem-aventurada Virgem Maria de Caná

Tempo da Quaresma

10. Santa Maria, discípula do Senhor
11. Bem-aventurada Virgem Maria junto da Cruz do Senhor (I)
12. Bem-aventurada Virgem Maria junto da Cruz do Senhor (II)
13. Encomendação da Bem-aventurada Virgem Maria
14. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da reconciliação

Tempo Pascal

15. Bem-aventurada Virgem Maria na Ressurreição do Senhor
16. Virgem Santa Maria, Fonte de Luz e de Vida
17. Bem-aventurada Virgem Maria do Cenáculo
18. Bem-aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos

Tempo Comum

Secção I: invocações da Escritura e relação com a Igreja

19. Santa Maria, Mãe do Senhor
20. Santa Maria, a Mulher Nova
21. Santo Nome da Bem-aventurada Virgem Maria
22. Santa Maria, Escrava do Senhor
23. Bem-aventurada Virgem Maria, Templo do Senhor
24. Bem-aventurada Virgem Maria, Sede da Sabedoria
25. Bem-aventurada Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja (I-II-III)
28. Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem Maria
29. Bem-aventurada Virgem Maria, Rainha do Universo

Secção II: invocações de cooperação com a vida espiritual dos fiéis

30. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe e Medianeira da Graça
31. Bem-aventurada Virgem Maria, Fonte da Salvação
32. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe e Mestra espiritual
33. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe do Bom Conselho
34. Bem-aventurada Virgem Maria, Causa da nossa Alegria
35. Bem-aventurada Virgem Maria, Sustentáculo da Fé
36. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe do Amor Formoso
37. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Santa Esperança
38. Santa Maria, Mãe da Unidade

Secção III: invocações de intercessão em favor dos fiéis

39. Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia
40. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Divina Providência
41. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Consolação
42. Bem-aventurada Virgem Maria, Auxílio dos Cristãos
43. Bem-aventurada Virgem Maria das Mercês
44. Bem-aventurada Virgem Maria, Saúde dos Enfermos
45. Bem-aventurada Virgem Maria, Rainha da Paz
46. Bem-aventurada Virgem Maria, Porta do Céu

Todas estas celebrações litúrgicas marianas são resultado duma nova mariologia, fruto duma eclesiologia de acordo com a doutrina do Concílio Vaticano II. A Igreja celebra e aprofunda o mistério de Cristo na liturgia recorrendo ao Mistério de Maria na obra da salvação.

2.1 - Maria e o Ano Litúrgico

Não há um ano litúrgico mariano, mas uma presença constante de Maria no ciclo anual dos mistérios de Cristo.

O Advento é o tempo mariano da liturgia. Nele se encontra a solenidade da Imaculada Conceição e a novena de preparação próxima para o Natal que a partir do dia 17 evoca Maria como modelo da Igreja: **"a Virgem Mãe esperou com inefável amor"** (Pref II Adv.). Este é o tempo litúrgico mais abundante em textos marianos da Escritura e da tradição da Igreja.

O Natal é uma celebração contínua da maternidade de Maria, sobretudo com a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, no dia 1 de Janeiro. Mas encontramos-a também muito presente no dia de Natal, na Sagrada Família e na Epifania.

Na Quaresma e na Páscoa encontramos uma presença mariana muito discreta, mas muito activa e viva, à maneira da solenidade da Anunciação do Senhor, que é igualmente de Cristo e de Maria. O Sábado Santo evoca a Mater Dolorosa e a Páscoa o Regina Caeli laetare. As tristezas e as alegrias de Maria acompanham as celebrações litúrgicas da Igreja.

No Tempo Comum temos outra solenidade mariana: a Assunção celebra em Maria o fim feliz das criaturas que como Ela acolhem e geram a Deus para o Mundo. Neste tempo se encontram muitas outras festas e memórias, sobretudo de carácter popular, transferidas para o verão para maior acesso na participação celebrativa.

Algumas celebrações marianas são também cristológicas, p. ex.: Anunciação do Senhor (25 de Março) e Apresentação do Senhor (2 Fever.)

Três das quatro solenidades celebram dogmas da fé católica: Santa Maria, Mãe de Deus (Éfeso 431), Assunção (Pio XII - 1950) e Imaculada Conceição (Pio IX - 1854)

Algumas festas marianas estão relacionadas com festas de Cristo: Santa Maria, Mãe de Deus (na oitava do Natal), Nossa Senhora das Dores (a seguir à Exaltação da Santa Cruz) e o Imaculado Coração de Maria (a seguir ao Coração de Jesus)

2.2 - Maria e os Sacramentos

Maria está muito presente na vida sacramental da Igreja, a oração por excelência.

No Baptismo é Mãe com a Igreja e a Igreja é Mãe como Maria. A Igreja prolonga no Baptismo a maternidade virginal de Maria pela acção do Espírito.

Na Confirmação recorda-se o Pentecostes e evoca-se a presença de Maria. O Espírito perpetua na Igreja a obra iniciada em Maria.

Na Eucaristia as referências são contínuas: a Palavra encarnada no seio da Virgem Maria pela acção do Espírito Santo renova-se no altar, qual seio da Igreja. Ambas concebem no corpo como acreditam na Palavra: acreditam na fé e geram na oração da fé o mesmo corpo de Cristo.

Na Penitência Maria aparece como intercessora e modelo de santidade e sugere-se o Magnificat como oração de agradecimento pela reconciliação iniciada no seio da Virgem e prolongada no seio da Igreja que reconcilia a humanidade pecadora com a divindade redentora.

Na Unção dos Doentes recomenda-se o enfermo ao cuidado da Mãe de Deus, saúde dos enfermos. A Igreja evoca Maria para aprender dela a cuidar do doente com dedicação da mãe pelo filho, da esposa pelo esposo e da virgem pelo noivo.

No sacramento da Ordem a relação é bem mais profunda. O sacerdócio ministerial é exercido na Igreja como o de Jesus no seio da Virgem. A união de Maria Virgem, Mãe e Esposa com Jesus, e por causa do seu reino, proclama as características do sacerdócio virginal, esponsal e materno. A diaconia de Maria em relação a Cristo e aos homens é modelo da diaconia sacerdotal no serviço da palavra, do altar e da caridade. Maria serviu a Palavra, gerou Cristo e ofereceu-o aos homens. Nela encontram os sacerdotes o modelo perfeito do seu ministério ao serviço da Palavra, do Altar e da Caridade numa dedicação e actividade virginal, esponsal e materna, como devem ser as relações do sacerdócio com a Igreja em benefício do povo de Deus.

No sacramento do Matrimónio a noiva é o sinal sacramental de Maria e da Igreja em relação a Jesus. O amor diferenciado de Maria para com José e Jesus é modelo do amor da Igreja noiva para com o Corpo de Cristo na humanidade do noivo.

Na Profissão Religiosa a Virgem Maria é apresentada como modelo de consagração a imitar, como refere o ritual: "Queres abraçar para sempre a mesma vida de perfeita castidade, obediência e pobreza, que Cristo e sua Mãe para Si escolheram?"

Conclusão

As "Orientações para o Ano Mariano" da Congregação para o Culto Divino constituem uma nova pedagogia da Igreja renovada pelo Con-

cílio, cujos frutos apareceram na reforma da liturgia e vão aparecendo como fruto da própria reforma.

A Igreja precisa de celebrar Maria para aprofundar o seu mistério na celebração dos mistérios de Cristo. Mais do que criar novas celebrações e novos formulários de oração mariana, a Igreja sente necessidade de evocar e contemplar Maria como modelo da atitude com que deve celebrar e viver os divinos mistérios.

A modo de síntese final, poderíamos enumerar as atitudes marianas que as celebrações litúrgicas apresentam à Igreja como modelos a imitar no exercício do culto. Nas acções litúrgicas a Igreja:

— **Escuta e guarda a Palavra** como a Virgem a acolheu e guardou no coração.

— **Louva e agradece** como Maria no Magnificat.

— **Mostra e leva Cristo aos homens** como Maria O levou a João Baptista e O apresentou aos pastores e aos magos.

— **Reza e intercede** pelos homens como Maria em Caná pelos noivos e no Cenáculo pela Igreja nascente.

— **Gera e alimenta** nos sacramentos como Maria pelo Espírito e pelos cuidados maternos (p. ex. alimentação e educação).

— **Oferece Cristo ao Pai e com Ele se oferece** como Maria no Templo e no Calvário.

— **Implora a vida do Senhor** como a Filha de Sião esperou a realização das promessas; como a Mãe do Redentor esperou o nascimento do Filho; como a discípula esperou a descida do Espírito Santo sobre a Igreja, como sobre Ela; como o membro eminente da Igreja esperou o encontro definitivo com Deus na Assunção.

Para toda esta perspectiva será útil a leitura das "Orientações para o Ano Mariano" (ed. A. O. Braga 1987), n. 9.

A grande relação de Maria com a Igreja é evocada numa oração da solenidade da Anunciação: **"Dignai-vos aceltar os dons oferecidos pela vossa Igreja que não esquece ter começado no dia em que o vosso Verbo encarnou"** (So). A Igreja é a encarnação do Verbo iniciada no seio da Virgem Maria. Celebrando a Mãe de Deus, a Igreja gera para os homens o Filho de Deus pela acção do mesmo Espírito que clama na oração e a torna eficaz.

A Igreja celebra Maria porque sem Maria não há Igreja.

FREI PEDRO FERREIRA OCD

O culto e a festa na perspectiva cristã

1. Seria de principiar por uma breve evocação das atitudes de Jesus Cristo face ao culto. E talvez poderia resumir-se na resposta dada à Samaritana: "O culto autêntico deve ser expresso em espírito e verdade", cf. Jo. 4,23.

Jesus deparou com variadas mentalidades e modalidades de encarar o culto, segundo os diversos grupos que integram a complexa comunidade dos essénios, que se afastavam do templo, até aos fariseus prisioneiros de complicados ritualismos, ôcos na material fidelidade à liturgia, na Família e no templo com toda a complexidade hierárquica do corpo sacerdotal e respectivas funções litúrgico-oficiais.

Jesus purifica o templo, cf. Mt. 21,12-17; Luc.19,45-56; Mc.11,15-19 e anuncia a sua destruição, cf. Mc. 13,2. Aliás, na acusação perante o Sinédrio, são evocadas essas claras afirmações de Jesus. E é frequente a atitude de Jesus na relativização de tudo o que se organiza no tempo, incluindo o culto. O que realmente deveria interessar é o Reino, "fazendo o que é importante na lei, sem negligenciar as outras coisas", cf. Mt. 23,23.

2. Na Igreja primitiva, a orientação de Jesus foi percebida na sua missão profética e inovadora, cf. Lc. 7,16. Era apontado como muito significativo o facto do véu do templo se ter rasgado de cima abaixo, porque Deus não habita em templos feitos por mão humana, cf. Lc. 23,45; Mt. 27,51; Mc. 15,38.

A partir do desastre do ano 70, que arrasou a cidade santa, desagregou-se a casta sacerdotal. Comparando a carta aos Hebreus, 7,14, com I Ped., 25 e Ap. 1,6, nota-se que agora todos são sacerdotes, reis e profetas, e já ninguém é sacerdote, exceptuando Jesus Cristo, cf. Jo. 2,19-21; 4,19-25.

E são de ler os capítulos 6 e 7 dos Actos dos Apóstolos na referência que fazem a Estevão. No Apocalipse 21,22, João afirma que na nova Jerusalém já não há templo.

3. Todavia, os Apóstolos frequentavam o templo, como o teste-

munham os Actos dos Apóstolos 1 e 3. Mas afirmam que "Jesus é o Senhor" cf. I Cor.12,3, a confrontar com Dt. 6,4 e seg. A nova liturgia é inspirada em S. João, Ap. 1,4: 22,20; I Cor. 14,11-20; Act. 2,42 e 46; 5,42. A Didaké do ano 100, a Apologia de Justino nº 67, de 150, assim como a carta de Plínio Jovem ao Imperador Trajano, descrevem o culto do novo Israel, a partir de Jesus Cristo, morto e ressuscitado e presente na Igreja convocada e reunida para evocar a sua presença.

A autêntica religião e o verdadeiro culto consiste numa maneira de viver da pessoa cristã, cf. Ef. 4,23. E a verdadeira liturgia, a "glória de Deus é o homem vivo", como se exprimia Stº Irineu, inspirado em Rom. 12,1-2, onde sugere que o culto deve prestar-se primeiramente na vida cristã quotidiana.

Tendo em conta os costumes da liturgia do templo, em que tinham sido educados, o novo culto tem nova dinâmica: testemunha a presença de Deus na História, a partir de Jesus Cristo, definitivamente vivo, agindo nas pessoas e vivificando a Igreja como o eterno Sacerdote da Nova Aliança. Assim cada celebração deveria significar um encontro com Jesus Cristo que renova a vida dos participantes na celebração, realizada em seu nome. É assim que acolhendo a Mensagem, convertendo-se e integrando-se no projecto do novo Povo de Deus, vai-se construindo uma história santa, orientada e animada pela assimilação do mistério pascal, actualizado nas celebrações da comunidade crente.

Os crentes, em permanente metanoia, devem trazer para a celebração a problemática da Vida de empenhamento familiar, profissional, político e social, a iluminar pela Palavra proclamada, acolhendo os dons pascais que devem, em cada etapa da vida, animar a actuação, testemunhando desse modo a animação da vida temporal do dia a dia.

Porque a liturgia é pois acção da comunidade e para a comunidade, deveria variar criativamente segundo os ritmos e estilo sócio-cultural da vida que se exprime em formas culturais provisórias. A vida real do dia a dia, a expressão cultural e cultural, deveriam ser unificadas. O enraizamento antropológico e social da liturgia devem estar em permanente revisão: sendo fiel às origens e respectivo significado, deve ser criativa para exprimir pertinentemente o ritmo e estilo de vida, sempre vivida num tempo e espaço com marcas culturais evolutivas e diferenciadas.

4. A pessoa normal, que partilha sadiamente a vida social e toma a clara consciência da necessidade de solidão e reflexão solitária, apercebe-se do sentido transcendente da vida pessoal e comunitária. E é neste contexto de consciente plenitude e de limite, que surge a necessi-

dade de exprimir-se como ser festivo e como ser religioso. A normal celebração da vida privilegia certos momentos e contextos. E é uma manifestação plurifacetada da cultura assumida e em constante vivificação e novidade, referenciada à vida cósmica, ao transcendente e às etapas do desenvolvimento e empenho social. E consoante a evolução da humanidade, uns festejam o Equinócio, outros a Lua nova, as colheitas, a mudança das Estações. Povos há que festejam momentos de tipo ascético ou fim do grande jejum, como é o caso dos Muçulmanos. No Ocidente, estruturam-se ao longo do calendário, as festas religiosas e os feriados. São ocasiões de recordar e contar o passado que deve inspirar o presente, motivando os projectos de vida a viver. As modalidades expressivas da festa da vida mudam. Mas os acontecimentos evocados e sedimentados quase sempre inspiram um certo cariz de continuidade. Veja-se o que se passa com a mais característica festa portuguesa, o S. João no Porto.

5. A festa é um importante elemento integrador da vida humana. E é uma triste experiência que quando se privilegia desmesuradamente apenas uma faceta, como o trabalho manual, ou intelectual, a vida activa ou contemplativa, introduz-se o desequilíbrio. É da experiência comum que a atitude e actividade festivas são um dado essencial da vida humana sadia que devem ser ponderadamente assumidas e vividas. E é neste contexto de vivência festiva que se deve inserir, de forma integrada e integradora, a celebração religiosa e litúrgica, a partir dos acontecimentos enquadramentos da vida.

As faculdades de poesia, de imaginação, de sensibilidade criativa de atitudes, movimentos e gestos devem entrar em composição com a memória e a história. Cada tipo de festa necessita de incidências diferentes nas modalidades de expressão festiva. O que deveria presidir ao estilo, deveriam ser, simultaneamente, a **continuidade** e a **Inovação**; mas privilegiando sempre a **gratuidade** e a **ruptura** com o dia a dia monótono, desagregador e empobrecedor dum contexto humano de totalidade e com sentido.

Mas é preciso que a festa não se torne um encargo e um pesadelo, a curto ou médio prazo. É normal o investimento em vestuário e alimentação. Todavia seria errado se não fossem controlados por uma atitude sadiamente avaliativa e ponderada.

Ultrapassando o peso do labor e do luto, deve-se insistir no comum às autênticas festas: a **libertação** e a **vivência** do essencial da vida. Uma certa maneira de assumir o caos, a evasão e a transgressão,

podem ser legítimos processos catárticos. Mas como seres racionais e razoáveis, há que introduzir sentido e medida em todas as situações.

6. Como se depreende do que fica anteriormente sugerido, a origem da festa está no carácter estrutural, na vocação festiva dos seres humanos, que aspiram à felicidade e à plenitude. Mas quando se busca a origem, a estrutura e organização das festas estabelecidas no calendário das populações, parece que, em geral, tiveram uma **motivação religiosa**. E o mesmo constata os etnólogos acerca dos elementos expressivos da atitude festiva: o teatro, os hinos, a dança, as ladaínhas e as procissões. Nesta perspectiva, as festas surgem como uma necessária forma de afirmar a vida com sentido, com valor. A festa indica que o futuro pode e deve ser festa de plenitude, a escatologia é anunciada, ensaiada no meio das tribulações e fracassos provisórios. Neste sentido, mesmo a morte biológica é encarada como uma mutação, não como um fim. As pessoas não são seres para a morte, mas para a vida, ainda que tendo de passar pela ruptura de largar o tempo e a finitude e passar para a margem da verdade, da paz e da vitalidade plena, perene e ultrapassando os limites espaço-temporais.

7. Tendo tudo isto em conta, seria uma desvirtuação da atitude sadiamente festiva, chamar festa à pura distração, como fuga às agruras da vida, uma evasão ou droga anestesiante das dificuldades, lutos e lutas que, eventualmente, a vida impõe.

Por outro lado, não deve ser contra ninguém, nem ofender os que eventualmente vegetam, envolvidos pela desgraça, mirrados pela miséria ou marginalizados pelo infortúnio. A festa a sério não é vingativa, humilhante ou simplesmente afirmativa de poder científico, económico, social, político ou religioso, que seja afronta para os vencidos e ofendidos. A afirmação agocêntrica é sempre atitude doentia, ocasião e até causa do sofrimento alheio.

Pelo contrário, a verdadeira festa, e por maioria de razões, as festas religiosas e litúrgicas, devem ser expressão de alegria e promotoras de sadia fraternidade, de comunhão com Deus e com os Irmãos. As celebrações deveriam expressar delicadeza, harmonia, generosidade, simpatia, acolhimento, tendo em conta os que, à nossa volta, ficam de modo mais ou menos discreto, à margem da vida interessante.

O estilo e a modalidade variam, consoante a idade, o status social e as situações; poderão ser de repouso ou de movimento, breves ou longas, discretas ou ruidosas. A luz, as flores, a música, o vestuário, as encenações, decorações e presentes, a alimentação e respectiva apre-

sentação, tudo pode ser significativo, manifestativo e desencadeador de sentimentos sadios de fraternidade e atenção partilhadas e respeitadoras das legítimas diferenças. Seria injúria e aberração fazer despesas faustosas em contextos de pobreza e, pior ainda, se à custa de mais ou menos clara exploração dos sem capacidade afirmativa e reivindicativa da justiça.

Tão pouco teriam sentido atitudes de ruído destruidor da paz dos outros, abuso de comida e bebida que, prejudicando a saúde, o equilíbrio e o bom senso, humilhariam pobres e imitariam estupidamente os que destroem e evadem pela bebedeira e outras variadas formas de droga.

8. Cada festa terá as suas características, consoante a idade dos intervenientes e os motivos que desencadeiam a atitude festiva. As festas têm sempre aspectos de tradição-anamenese, no sentido de serem experiências do passado que se renovam e enriquecem em cada momento e são transmitidas aos vindouros; e há outros elementos de novidade pessoal ou grupal e as circunstâncias. Mas o que nunca deveria faltar é o fenómeno de **comunhão e partilha**, em que deve haver acolhimento de todos e em que todos participam, no respeito pelo jeito e modos de expressão temperamental, cultural e circunstancial em que cada um se encontra, tanto de idade como de estado afectivo. A cada um o seu ritmo e o estilo de expressão.

Seria contraditória, artificial e até falsa a eventual situação festiva em que não fosse vivida e partilhada a amizade sincera, a transparência de sentimentos fraternos, traduzidos em palavras e gestos declarativos e por situações de diálogo entre os criadores, participantes e celebrantes da festa.

Ao fim e ao cabo, a festa é uma celebração do autêntico amor expresso e partilhado em comunhão de pessoas diferentes que se aceitam, estimam e estimulam. Eventualmente será ocasião de atenção recíproca de reconciliação e abertura ao futuro animado pela esperança. O elemento base deve ser a atitude acolhedora e manifestativa, de partilha, mútuo respeito e confiança recíproca.

9. As festas tipicamente cristãs, tais como o Natal e a Páscoa, devem ser ocasião de aprofundar e partilhar sinceramente a fraternidade e respectiva partilha, fundadas na Encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A comunidade eclesial, a Igreja, animada pelo Espírito, deve expressar a actual acção do Espírito que informa e conduz o Povo de Deus peregrino e construtor da História, com as luzes que Deus

comunica aos fiéis. O mistério de Cristo, morto e ressuscitado, deve ser acolhido e celebrado, tornando-se acontecimento eficaz que transforma, renova e amplia o coração da humanidade.

Assim, nas festas litúrgicas, deve haver sempre uma distância que evoca o passado, a anamnese, acerca de Cristo histórico e tornar-se-lhe presente sacramentalmente para iluminar e animar pelo Espírito a vida pessoal e eclesial em cada momento e circunstância. Não é possível a autêntica festa sem autêntica dinâmica da fé. De contrário, não passaria de ritual balofo e alienante de pessoas iludidas.

A autêntica fé comunicará a sua alegria, fundada na certeza de que somos amados incondicionalmente pelo Pai comum; e convida-nos, insistentemente, a assumir a alegria de sermos irmãos, convidados a viver a fraternidade na base da gratuidade, da sinceridade e estima recíproca.

Cada assembleia deve ser uma situação privilegiada de encontro e partilha, expresso em gestos e palavras ou silêncios, expressivos da nossa disponibilidade. Na liturgia deve estar plenamente presente o mundo do trabalho, a vida familiar e as modalidades de lazer que tecem a nossa existência quotidiana.

10. Para concluir diria que deve ser ultrapassado o hieratismo e vencido o anonimato, em todas as festas. As formas de expressão litúrgica deverão estar em permanente revisão, para evitar o resvalar para o legalismo e ritualismo mágico ou fuga para o misticismo, sem real conteúdo de comunhão.

A participação da totalidade da pessoa, deverá ser expressa pela mediação do corpo, no modo de olhar atento, no estilo de presença fraterna e respeitadora. Haverá lugar para a música, o canto e os gestos. E seria importante não esquecer a arte da simplicidade e a estética da oportunidade nas formas expressivas de acolhimento, participação e comunhão que liberta os intervenientes. A celebração, além de memória, deve ser interpelativa e anúncio, fazendo recurso aos símbolos que façam a síntese da anamnese, de apelo a empenhar-se no presente e a lançar-se para o futuro absoluto, não como fuga, mas como expressão de verdade humana revelada e salva por Jesus Cristo.

FREI BERNARDO, O. P.

XV Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

CELEBRAÇÃO E ESPAÇO LITURGICO

Temas

- O Mistério do Templo e Liturgia — pelo P. Dr. João Lourenço, OFM.
- Os lugares da celebração ao longo da história da Igreja — por Mons. Pierre Jounel.
- Construção, adaptação, restauro e conservação das igrejas — pelo Arq. Luiz Cunha.
- O Ritual da Dedicção das Igrejas — pelo Cón. José Ferreira.
- Celebração litúrgica, espaço, objectos e actores — pelo P. Dr. José de Leão Cordeiro
- A Música nas igrejas — pelo Cón. Dr. António Ferreira dos Santos.
- Painel sobre património artístico e documental das igrejas, disposição e adorno, vestes e objectos litúrgicos, conservação e restauro das imagens e pinturas — pelos Dr. Arq. José António Falcão, Mons. Aníbal Ramos, José Bernard Guedes...
- Serão sobre a Arte e as igrejas — exposição feita por D. Albino Cleto e acompanhada de diapositivos.

Local: Santuário de Fátima

O XV Encontro Nacional será efectuado no Santuário de Fátima e os seus trabalhos e celebrações terão lugar no Centro Pastoral Paulo VI, na Basílica e na Capelinha das Aparições.

Data: 24-28 de Julho de 1989

O XV Encontro Nacional começará no dia 24, às 17 horas, com a Oração e a primeira conferência do programa, e terminará ao meio dia de 28 com a Celebração Eucarística.

Inscrições

As inscrições destinam-se a suportar as despesas do Encontro, incluindo o material que nele se oferece aos participantes: guião das celebrações litúrgicas, pastas, porta-nomes e impressos.

O agravamento das inscrições feitas depois do prazo pretende, única e exclusivamente, minimizar os transtornos que tais inscrições acarretam à organização e que já se não admitem nos outros países europeus.

Até 30 de Junho: Individual — 1400\$00; Casal — 2400\$00; Jovem — 1000\$00

Depois de 30 de Junho: Individual — 1800\$00; Casal — 2600\$00; Jovem — 1200\$00

Hospedagem

- O Secretariado Nacional de Liturgia, que organiza o Encontro, reconhece a dificuldade cada vez maior de garantir alojamento para todos os pedidos, designadamente para os quartos individuais. Ficará grato a todos os participantes que arranjam pessoalmente este tipo de alojamento.

Mas continua disponível para os participantes que o não consigam só por si.

- Lembra a todos os interessados que a Casa de N^a S^a do Carmo é limitada e não pode receber todos os pretendentes aos seus quartos.

- Lembra ainda que as paróquias e outras comunidades se devem responsabilizar pelos seus jovens depois de os escolherem criteriosamente.

- A incapacidade de o Santuário poder acolher todos os que o desejam um quarto de 1 ou 2 camas obriga a uma certa dispersão pelas casas que nos prestam esta colaboração e exige uma adaptação de preços.

- Os pedidos de hospedagem só se aceitam até ao dia 30 de Junho.

- Para esclarecimento dos participantes que pedem alojamento e/ou refeições, vão inclusas no quadro seguinte as diversas informações:

1. Refeições e dormidas em quarto individual (4 dias) — 9000\$00;
2. Refeições e dormidas em quarto de 2 camas (4 dias) — 7500\$00;
3. Refeições e dormidas em compartimento de mais de duas camas (4 dias) — 5500\$00;
4. Só refeições (4 dias) — 5150\$00

Federação Interdiocesana do Património Cultural da Região Sul

Reunião do Grupo de Trabalho em Beja

No dia 6 de Janeiro de 1989 reuniu no Seminário Diocesano de Nossa Senhora de Fátima, em Beja, o Grupo de Trabalho encarregado de estudar e propor o lançamento da Federação Interdiocesana do Património Cultural da Região Sul, com a participação de delegados da Comissão de Arte Sacra da Arquidiocese de Évora, da Comissão de Liturgia e Arte Sacra da Diocese de Setúbal, do Secretariado de Liturgia, Música e Arte Sacra da Diocese do Algarve e do Departamento do Património Histórico e Artístico do Secretariado de Liturgia e Arte Sacra da Diocese de Beja. A Comissão de Arte Sacra da Diocese de Portalegre e Castelo Branco justificou a sua ausência por motivos de força maior, aderindo porém às conclusões da reunião.

Na sequência do programa estabelecido no I Encontro das Comissões e Serviços de Arte Sacra das Dioceses da Zona Sul, realizado em Outubro de 1988, o Grupo de Trabalho analisou minuciosamente a complexa problemática da fundamentação dos desejados estatutos constitutivos da Federação e acordou as respectivas linhas gerais. A redacção prévia dos estatutos foi entregue a uma equipa formada ad-hoc que para tal procederá à sistematização das diversas propostas enunciadas. O texto resultante do labor desta equipa será posteriormente enviado a cada uma das dioceses interessadas para exame e rectificação. Daqui sairá, em próximo encontro do Grupo de Trabalho, o projecto dos estatutos definitivos da Federação que há-de ser submetido no momento oportuno à competente apreciação e aprovação por parte dos preladados diocesanos, tendo em vista a respectiva erecção jurídico-canónica.

Foram igualmente debatidos vários temas respeitantes à fixação do âmbito e actividades da futura Federação, tendo os serviços diocesanos presentes exprimindo o forte desejo de que esta abrangesse não somente a área da Arte Sacra propriamente dita mas também os demais

sectores do Património Cultural da Igreja na Região Sul (histórico, arqueológico, etnológico, documental, etc.). Assentou-se ainda no carácter interdiocesano da estrutura federativa a criar, devendo caber a esta apenas funções de coordenação, informação e entreajuda e não podendo interferir, naturalmente, nas tarefas autónomas e específicas de cada diocese. Finalmente, chamou-se a atenção com veemência para a necessidade urgente do estabelecimento da Comissão Nacional de Arte Sacra como organismo supervisor ao nível do país.

Assistiram à reunião os Srs. Padre João Pires de Campos e Eng^o Celestino David (Évora), Padre Dr. José Augusto Pereira e Padre Dr. Duarte Teixeira (Setúbal), Padre Dr. José Pedro Martins e Albino Martins (Algarve) e Cónego António Mendes Aparício, Padre António Cartageno, Dr. Hernâni Perdigão Serra e Dr. Arq^{te} José António Falcão (Beja).

JOSÉ ANTONIO FALCÃO

Encontro de Pastoral Litúrgica

Nos dias 7 e 8 de Janeiro passado, o Secretariado de Liturgia da Diocese do Algarve levou a efeito mais um encontro de Pastoral Litúrgica que este ano teve a finalidade de estudar e aprofundar o conhecimento de alguns documentos emanados da Santa Sé, para pôr em prática com maior correcção a Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia. Os documentos estudados foram os seguintes:

“Introdução Geral ao Missal Romano”;

“Preparação e Celebração Dominicais das Festas Pascais” — carta circular da Congregação para o Culto Divino;

e “Directório para Celebrações Dominicais na ausência de Presbítero”.

O estudo foi orientado pelo Bispo da Diocese, D. Manuel Mardureira Dias, P. José Pedro Martins e P. José Manuel Fernandes Aguas. O encontro, no qual estiveram presentes cerca de 85 participantes, teve como pontos altos as celebrações quer da Liturgia das Horas quer sobretudo da Eucaristia.